

## ATOS DE AGRESSÃO FÍSICA SOFRIDOS POR MULHERES EM UMA COMUNIDADE DE BAIXO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Samira Valentim Gama Lira (1); Tamires Feitosa de Lima (2); Ana Luiza e Vasconcelos Freitas (3); Luiza Jane Eyre de Souza Vieira (4); Ceci Vilar Noronha (5)

1. Docente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Email: samiralira@unifor.br

2. Discente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Email: tamiresfeitosa02@hotmail.com

3. Discente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Email: analuiza\_vf@hotmail.com

4. Docente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Email: janeeyre@unifor.br

5. Docente da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Email: ceciavilar@gmail.com

**Resumo:** A violência contra a mulher é bastante abrangente, porém considera-se a agressão física um dos tipos de violência mais frequente em que a mulher é alvo, sendo uma das mais notificadas. Diante desse contexto o estudo possui como objetivo descrever os atos de agressão física mais frequente contra a mulher em uma comunidade de baixo índice de desenvolvimento humano. Trata-se de um estudo quantitativo, realizada no Município de Fortaleza, Ceará, em 2016. As participantes do estudo foram mulheres com idade maior que 20 anos, que residiam no domicílio investigado, que fossem mãe ou matriarca da família. A coleta de dados foi realizada por meio de sorteio, no qual foi selecionado um bairro, ruas e número de casas. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados questionário com 28 questões sobre dados sócios demográficos e atos violentos sofridos no ano de 2015. A pesquisa atendeu aos princípios éticos. Participaram da pesquisa 20 mulheres, onde em sua maioria natural de Fortaleza, com idade menor que 45 anos, união estável, escolaridade maior ou igual a 8 anos de estudos, renda familiar de um salário mínimo. Dos dez atos de agressões físicas questionadas na pesquisa quatro deles foram sofridos por algumas das mulheres e os seis outros nenhuma mulher relatou ter sido alvo. Esses atos ocorreram mais de uma vez, sendo realizado por um único agressor, ocorrendo na residência e que acarretou a algumas reações da vítima. Diante do estudo, medidas podem ser tomadas para prevenção e enfrentamento das agressões físicas e suas consequências.

Palavras-chaves: Mulheres, Violência, Agressão.

### INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher foi por muito tempo considerado um problema privado, que não era de interesse público, assim não sendo considerado crime. A mulher na sociedade era considerada aquela que era submissa e passiva ao homem e que era incapaz de se posicionar. Porém, historicamente veio às revoluções feministas e a mulher passou a ganhar

espaço na sociedade, novas legislações foram criadas e alterações sociais e culturais começaram a ocorrer. A violência contra a mulher passou a ser reconhecida como um problema de saúde pública e diversas leis e políticas públicas foram empregadas para a prevenção e enfrentamento da violência (GRIEBLER; BORGES, 2013).

O conceito de violência é bastante abrangente e sua classificação é diversificada, estando os tipos de violência diretamente ligados. Podendo destacar a violência física como a mais relatada pelas vítimas e uma das mais notificadas. (BITTAR; KOHLSDORF, 2013)

A violência física é qualquer ato realizado com o intuito de prejudicar a integridade ou a saúde corporal. (GRIEBLER; BORGES, 2013). Segundo Fonseca, Ribeiro e Leal (2012), a violência física é uma das mais frequentes, o percentual de agressão física contra mulher por um homem em alguns países chegou a 50% e no Brasil, de acordo com as estatísticas da Fundação Perseu Abramo, uma mulher é agredida fisicamente a cada quinze segundos e mais de dois milhões de mulheres são espancadas a cada ano por seus companheiros.

Diante dos achados do estudo de Silva et al. (2013), a violência física foi apontada como a mais notificada, com percentual de 49,5%. Dentre os documentos utilizados para o registro dos casos de qualquer agressão existem os boletins de ocorrências e fichas de notificação dos serviços de atendimento. Os boletins de ocorrências são documentos que registram o crime perante os órgãos de justiça. Segundo a pesquisa de Griebler e

Borges (2013) a violência física foi a segunda mais registrada em boletins de ocorrência, com percentual de 44,2%. A violência considerada física é a que mais esta associada a outros tipos de violência, visto que interfere tanto na integridade física como na saúde mental, moral e social (BITTAR; KOHLSDORF, 2013)

As consequências e danos de uma agressão física são diversos, que atingem negativamente a qualidade de vida, tanto a saúde física como a saúde psicológica da mulher em situação de violência (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Considerando a violência física como um dos tipos de violência mais frequentes, e sendo importante os serviços que prestam atendimento as mulheres em situação de violência estarem capacitados e conduzir e acompanhar os casos, é primordial o conhecimento sobre os tipos de agressões físicas que mais ocorrem e conhecer o perfil da vítima facilitando na criação das medidas de prevenção para o seu enfrentamento.

O presente estudo teve como objetivo descrever os atos de agressão física sofrido pelas mulheres de uma comunidade de baixo índice de desenvolvimento humano.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa, realizada em uma comunidade de baixo índice de desenvolvimento humano no Município de Fortaleza, Ceará, em 2016.

As participantes do estudo foram mulheres com idade maior que 20 anos, que residam no domicílio investigado, que fossem mãe ou matriarca (provedora financeira e/ou de cuidados da família) e que aceitassem participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de sorteio, no qual foi selecionado um bairro do município de Fortaleza, e deste ruas e números das casas. Em cada rua, seguimos pelos dois lados da mesma, onde se visitou uma casa sim e a outra não em ambos os lados. Nos casos em que nenhuma mulher foi encontrada na residência sorteada ou que não aceitasse participar da pesquisa, conforme os critérios de inclusão, pulamos para a casa seguinte, continuando a alternância a partir da última casa visitada. Quando chegou ao fim da rua, foi realizado um novo sorteio para determinar o lado que iríamos seguir. Até atingirmos o número proposto para a amostra do bairro, sem não perdas amostrais. Cabe salientar, que a pesquisa ainda está em andamento onde outros bairros estão sendo pesquisados.

Como instrumento de coleta de

dados utilizamos um questionário que abordava questões acerca dos dados sócio demográficos e atos violentos sofridos no ano de 2015.

Posteriormente realizamos a análise dos dados, onde foram inseridos em um banco com a utilização do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) – versão 16.0, e em seguida foram analisados conforme a literatura.

A pesquisa obedeceu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde publicada no Diário Oficial da União que revoga a Resolução 196/96, ou seja, aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). E foi aprovada no Comitê de ética pesquisa da Universidade de Fortaleza com o parecer nº 1.508.566.

## RESULTADOS

As participantes da pesquisa foram mulheres que tinham naturalidade em Fortaleza (50,0%) e no interior (10,0%), idade menor que 45 anos (60,0%), união estável (35,0%), escolaridade maior ou igual a 8 anos (80,0%), com renda familiar de até 1 salário mínimo (60,0%), eram do lar (35,0%), católica (80,0%), de cor parda (45,0%) e todas as participantes tinham pelo menos 1 filho.

No questionário aplicado são descritos várias situações que provocaram

a agressão física contra a mulher e do total das participantes identificamos que pelo menos quatro dos itens abordados foram sofridos por alguma entrevistada.

Ao serem indagadas sobre terem sofrido alguma agressão física como torcer o braço, agarraram-a, deram-lhe bofetadas, murros, pontapés, arranhões ou mordidas no último ano, foi relatado que 1 (5,0%) sofria esses abusos.

Em relação, se já foram alvo de puxões de cabelos ou de cabeçadas ou queimaduras e/ou cortes todas (100,0%) responderam que nunca foram exposta a esse tipo de situação e se já lhe atiraram objetos com o intuito de a magoar tiveram o mesmo resultados.

Quanto a exposição a empurrões (pela escada abaixo, contra objetos, dentre outros) (10,0%) e se levaram socos no peito (5,0%) algumas responderam que sim. Sobre terem apanhado no último ano poucas relataram (10,0%) ter sofrido esse ato, mas isso não significa que as outras não tenham sido expostas a essa violência.

Em relação do tipo bateram a sua cabeça contra a parede ou contra o chão ou apertaram o pescoço todas negaram nunca terem acontecido esse ato contra elas (100,0%).

O presente estudo evidenciou que o perfil das mulheres entrevistadas, a maioria

eram adolescente/adultas, de baixa escolaridade, em união estável, pardas e do lar. Muitas delas eram dependentes financeiramente dos companheiros.

De acordo com a análise dos relatos de agressões físicas sofridas pelas mulheres do estudo, verificou-se que normalmente essas agressões físicas ocorreram algumas vezes no último ano, sendo que na maioria das vezes ocorreram nas residências com outras pessoas assistindo ao ato violento que envolvia apenas um agressor e que na maioria dos casos eram companheiros. Em todas as situações em que a mulher sofreu algum ato violento houve o desencadeamento de uma reação (insultos, violência e denuncia a polícia). E nesses atos alguns agressores consumiram álcool e outras drogas.

## DISCUSSÃO

Esta pesquisa apresenta dados que visam descrever os atos de agressão física que mais ocorrem contra a mulher e a caracterização dos mesmos como, por exemplos, fatores que desencadearam a mulher ser alvo da violência física.

Diante do estudo foi visto que a mulher reage no momento da agressão, na maioria das vezes, violentamente e com insultos. Porém segundo Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) a reação da mulher após a

agressão é de passividade, sofrimento, culpa, vergonha e decepção.

A mulher quando encorajada utiliza da força física ou de gritos como uma defesa para que o agressor pare, apesar de na maioria das vezes a agressão acontecer em sua residência um local de difícil possibilidade de ajuda, pois a não ser que a mulher denuncie esses abusos, dificilmente receberá ajuda de alguém, além de ser um ambiente de violências frequentes pois não tem ninguém para intervir contra o agressor, o ciclo de violência permanece e se a mulher não tomar alguma iniciativa poderá sofrer um dano irreversível.

Assim, considera-se que as principais consequências da violência é o trauma, o desamor e a insensibilidade. Podendo esses três tipos de consequência influenciar na vida amorosa com o atual parceiro/agressor e com outros parceiros, na vida pessoal com filhos e família e na inserção social.

A pesquisa mostra que após ser alvo desses tipos de agressão física a mulher foi quem tomou a iniciativa da separação, relatando que a relação conturbada com o parceiro estava desencadeando problemas para si e para os filhos.

A violência quanto praticada contra a mulher deixa sequelas tanto para elas

como para pessoas de seu convívio, apresentando um risco maior de desenvolverem transtornos psicológicos, alterações de comportamento, propiciam para o uso de substâncias lícitas e ilícitas, além de ideações suicidas (ROCHA et al., 2010; BRASIL, 2011).

A inserção de agressão física na rotina da mulher é um dos principais fatores que motivam a mulher a romper o relacionamento com o companheiro, porém muitos deles não aceitam a separação e começam a apresentar atitudes violentas com o intuito de amedrontar a vítima, forçando a reatar a união (ACOSTA et al., 2015).

Segundo Acosta et al. (2015), há evidências de que o uso de álcool e outras drogas estão presentes na maioria dos casos de agressão a mulher. Além disso, a maioria das vítimas sofrem agressão em suas residências, locais no qual devem ser de plena harmonia.

O uso de drogas lícitas ou ilícitas podem propiciar para que ocorra a violência, pois essas substâncias alteram o comportamento do agressor ou diminuem o seu temperamento propiciando para esse fenômeno (ZILBERMAN; BLUME, 2005; MOURA et al., 2009).

Entretanto, a sua ingestão não é uma justificativa, embora há situações que desencadeiam atitudes agressivas com o seu consumo. Desta forma, se o uso de

álcool ou outras drogas e desencadeante para a prática da violência há uma necessidade de ações para a diminuição de seu uso.

Apesar de o álcool está diretamente ligado a prática da violência intrafamiliar ele não é o único desencadeador para que ela aconteça, na qual, a cultura, tipos de família, machismo, situação sócio-econômica e até problemas de saúde são fatores que compõem a base da violência (GARCIA et al., 2008).

Nos atos citados a maioria das mulheres relatou que alguém assistiu ao ato, que na maioria das vezes eram filhos. Presenciar esses tipos de agressão física reflete negativamente no crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente, podendo conseqüentemente influenciar no psicológico desencadeando na mudança de comportamento.

Frente do presente estudo ações para enfrentar a violência contra mulher são necessárias. Segundo Costa, Serafim e Nascimento (2015), a mulher vítima de atos violentos deve contar com ações conjuntas da sociedade, políticas públicas e com o apoio institucional de uma equipe multidisciplinar de profissionais da saúde, especializados em áreas da Saúde, psicossocial e jurídica, que cumpram funções de orientação e prevenções da

violência contra mulher.

Para que a mulher consiga se prevenir desses atos de agressão é importante que ela saiba identificar o perfil desse possível agressor através de ações educativas promovidas a ela, impedindo assim que ela participe deste ciclo de violência. Além da capacitação dos profissionais da Atenção Básica em durante as consultas e as visitas domiciliares possam desenvolver essas atividades com ela para identificar esse agressor e a denunciar caso a violência venha acontecer (AUGUSTO et al, 2015).

## CONCLUSÃO

Esse estudo indicou que dentre aos tipos de agressão física questionada as mulheres através do instrumento os que mais normalmente acontecem são murros, bofetadas, pontapés, arranhões, beliscões, mordidas, socos no peito e empurrões. Além disso, pode-se avaliar que esse tipo de agressão na maioria dos casos ocorre por um agressor e geralmente é o companheiro, no qual dentre os fatores que desencadearam o ato está o álcool e/ou outras drogas.

Diante do estudo, ações preventivas de valorização da mulher e o incentivo ao combate de conflitos através de diálogo e o aprimoramento do vínculo entre as duas partes são medidas prevenção para o

enfrentamento das agressões físicas e suas consequências.

E é necessário que os serviços que atuam no apoio e proteção dessas mulheres saibam reconhecer esses casos, proporcionando o atendimento adequado para minimizar as sequelas e favorecer a harmonia no ambiente familiar.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, D. F. et al. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER POR PARCEIRO ÍNTIMO: (IN) VISIBILIDADE DO PROBLEMA. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 1, n. 24, p.121-127, jan./mar. 2015.
- AUGUSTOS, A. O. et al. Mapeamento dos casos de violência contra a mulher na região metropolitana de belém narrados pela mídia impressa do estado do Pará. **Revista Paraense de Medicina**, Pará, v.29, n.2, p. 23-32, Abril-Junho, 2015.
- BITTAR, D.; KOHLSDORF, M.. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 31, n. 74, p.447-456, jul./set. 2013.
- BRASIL. Presidência da República (PR). Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Brasília: PR; 2011.
- BRASIL. **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em 30 abr 2016.
- COSTA, M. S.; SERAFIM, M. L. F.; NASCIMENTO, Aissa Romina Silva do. Violência contra a mulher: descrição das denúncias em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Cajazeiras, Paraíba, 2010 a 2012. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 3, n. 24, p.551-558, jul./set. 2015.
- FONSECA, D. H.; RIBEIRO, C. G.o; LEAL, N. S. B. Violência Doméstica Contra a Mulher: Realidades e Representações Sociais. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 2, p.307-3014. 2012.
- GARCIA, M. V. et al. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 2551-2563, Nov. 2008.
- GRIEBLER, C. N.; BORGES, J. L. Violência Contra a Mulher: Perfil dos Envolvidos em Boletins de Ocorrência da Lei Maria da Penha. **Sociedade Educacional Três de Maio Três de Maio**, Rio Grande do Sul, v. 44, n. 2, p.215-225, abr./jun. 2013.

MOURA, L.B.A. et al. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.43, n.6, p. 944-53, dez, 2009.

ROCHA, S.V. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre residentes em áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia. **Rev. Bras. de Epidemiologia**, São Paulo, v. 13, n.4, p. 630-640, 2010.

SILVA, M. C. M. e et al. Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco, 2012. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 22, n. 3, p.403-412, jul./set. 2013.

ZILBERMAN, M.L.; BLUME, S. B. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 51-5, 2005.